



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

O FIM DA FILOSOFIA DO PROGRESSO E A FARSA DO PROJETO SOCIETÁRIO BURGUEÊS EM MOVIMENTO

ALFREDO APARECIDO BATISTA¹

Resumo: A filosofia do progresso tem sua raiz nas contribuições teórico-práticas que demarca os filósofos Descartes a Hegel. A questão central que fundamenta o período das luzes tem como ponto cêntrico a presença efetiva da razão humana, a qual preocupa-se em conhecer o movimento dos objetos por meio de métodos científicos, distanciando das narrativas fundamentadas na ontologia religiosa. O presente documento tem como objetivo apresentar os fundamentos ontológicos construídos por Marx e ampliado por Georg Lukács e Carlos Nelson Coutinho para compreendermos como que a razão burguesa apropriou e colocou em movimento a relação homem-natureza, num primeiro momento de forma progressista e, num segundo momento por meio de conteúdos negadores da razão humano, explicitando a decadência da ciência a partir do rompimento do projeto burguês em 1848.

Palavras-chave: Razão Burguesa; irracionalismo; Progresso.

Summary: The philosophy of progress has its roots in the theoretical-practical contributions that demarcate the philosophers Descartes to Hegel. The central question that underlies the period of the lights has as its centric point the actual presence of human reason, which is concerned with knowing the movement of objects by means of scientific methods, distancing itself from the fundamental narratives of religious ontology. The purpose of this paper is to present the ontological foundations constructed by Marx and enlarged by Georg Lukács and Carlos Nelson Coutinho to understand how bourgeois reason appropriated and set in motion the relation between man and nature, at first in a progressive way, and in a second moment by means of denying contents of human reason, explaining the decadence of science from the breakup of the bourgeois project in 1848.

Keywords: Bourgeois Reason; irrationalism; Progress.

1 INTRODUÇÃO

A construção que envolve as discussões teóricas a respeito do tema progresso e decadência da razão expressa em seu conteúdo um ponto cêntrico determinante na estrutura da sociedade burguesa: relação estabelecida entre as classes sociais. É na última quadra do século XVIII que a classe burguesa emergente no continente europeu implanta suas bandeiras, trazendo em seus

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: <comuna12@uol.com.br>

conteúdos os fundamentos do seu projeto de classe nas esferas econômica, política e social.

Pautada por meio de diferentes conteúdos elaborados, debatidos e disseminados em espaços determinantes que sustentavam os pilares da sociedade feudal em decadência, estrutura-se, com solidez, a sociedade capitalista industrial. Coube à Inglaterra e posteriormente à França o papel determinante em colocar em movimento um novo projeto societário: o burguês. Na Inglaterra os capitalistas emergentes ao efetivarem a revolução nas esferas cênicas da sociedade civil, também causaram profundas alterações na sociedade política. A classe burguesa emergente após a revolução assumiu o poder econômico e o poder político. Este mesmo caminho foi construído pela França após a revolução que iniciou em 1789. Estes feitos históricos, tomada do poder econômico e político, não ocorreram nos demais países europeus no século XIX. Nestes, em particular na Itália e Alemanha, diferente da Inglaterra e França, o controle dos poderes econômico e político foram divididos: a economia ficou sob o domínio da classe burguesa industrial emergente e o poder político com a classe aristocrática voltada para a produção primária. Um ajuste entre os burgueses emergentes industriais com a velha classe de aristocratas oriundos dos processos feudais.

A Inglaterra em particular não perdeu tempo e, desde a revolução do século XVII mostrou qual era o seu projeto: apropriar do valor trabalho excedente, transformando todo o valor acumulado em capital fixo e varável. Para alcançar este objetivo central a classe burguesa não exultou: expulsou os trabalhadores das terras e, sem piedade, ceifou a vida de famílias inteiras que resistiram em mudar-se para as cidades. Rapidamente um contingente de homens e mulheres. Crianças, jovens e adultos, estavam à disposição da classe burguesa emergente para ser expropriadas do conteúdo que é necessário e determinante para acumular valor: o trabalho humano. Estabelecia-se na sociedade, pela primeira vez na história, a composição de duas classes determinantes na história da humanidade: a burguesa e a trabalhadora (MARX; ENGELS, 1998).

O conteúdo presente no projeto de societário burguês estava pautado nas premissas iluministas que demarcavam o progresso na nova

sociedade em construção. A razão superou a metafísica religiosa e, o humanismo, o historicismo e a razão dialética passam a nortear os passos do projeto em desenvolvimento e estruturação na Europa. Mas, não tardou para que o germe da contradição colocasse a sua cabeça para fora e impedidos de continuarem a manterem o projeto com o mesmo fundamento científico e filosófico, mudam o rumo do comando e, a partir de 1830 a classe burguesa abando suas premissas iluministas e inaugura um novo momento na história. Abandona a proposta revolucionária e transforma-se em uma classe eminentemente conservadora. Como não existe espaço vazio, os trabalhadores ampliam seus conteúdos de classe social e, toma consciência teórico e política que um novo tempo está à sua frente e, independente da sua vontade individual e/ou coletiva é necessário colocar vem movimento um novo projeto societário de classe. Deixa a condição de classe em si e assume o papel histórico de classe para si. A nova relação estabelecida entre as classes determinantes presentes neste momento deixou evidente qual é o verdadeiro projeto da classe burguesa. Abandonando o projeto revolucionário transforma-se em classe conservadora e, sem nenhum prurido coloca em movimento a sua força e, a partir de 1830 e como síntese histórica em 1848, mostrou à classe trabalhadora qual é o seu verdadeiro projeto societário. É neste momento que a classe trabalhadora assume seu papel histórico de classe em si e para si e, passa a cumprir sua missão de classe: ser proprietária do projeto societário revolucionário.

2 DESENVOLVIMENTO

O transitar do pensamento humano guarda, historicamente, momentos de ascensão e decadência. É uma disputa incansável entre a busca das verdades mediada por construções científicas e filosóficas presentes pelas investigações e construções teóricas lógicas, epistemológicas e/ou ontológicas ou, por outro lado, pelo crivo das manipulações do tratamento dos objetos com uma única preocupação: alcançar o resultado pragmático. Este procedimento enviesado (pautado em procedimentos manipulatórios) repleto de conteúdos

neopositivistas, tem marcado a forma em apreender o movimento dos objetos a partir da primeira quadra do século XIX. Há uma avassaladora ferramenta destruidora da verdade: a ideologia² em substituição à força rigorosa da busca da verdade aproximativa presente nas construções científicas e filosóficas.

O que se põe no cenário das disputas reais é a incapacidade da classe burguesa em responder aos desafios postos pelo projeto da classe burguesa. As contradições intrínsecas à raiz do projeto em voga ganharam forma e conteúdo e, nas diferentes manifestações materiais cotidianos, seja na esfera econômica – durante a efetivação dos processos de trabalho, principalmente, bem como nos espaços familiares e de lazer, as relações estabelecidas materializam a negação da existência humana. O que era uma construção histórica que nasce no período renascentista e culmina com a filosofia Hegeliana é derrotado. A sociedade do progresso (LUKÁCS, 1968) reconhecida e reverenciada por meio da síntese da Revolução Francesa, evidenciando a construção de uma sociedade livre, igual e fraterna, é ceifada pela classe burguesa no período da decadência. Agora não há outra medida a não ser desdizer a máxima civilizatória que se tornou uma conquista revolucionária para a classe burguesa em formação e para os trabalhadores. Agora, os conteúdos presentes nas formulações que expressam o progresso econômico, político, social e cultural, tornaram-se uma promessa do passado.

A classe burguesa deixa de ser reconhecida como uma classe progressista social e, na condição de classe dominante na esfera da produção da reprodução social, implementa uma prática irracionalista repletos de conteúdos pragmáticos. Torna-se uma classe conservadora. A razão é destruída, assumindo em seu lugar, a desrazão. A vontade do povo, incorporada pela burguesia para superar o absolutismo feudal perde sua força concreta. Neste inovado momento temporal, “ o proletariado surge na história como classe autônoma, em-si e para-si, capaz de resolver em sentido progressista as novas contradições geradas pelo próprio capitalista triunfante”. (COUTINHO, 1972, P. 8)

² Lukács adverte: “não existe posições filosóficas inocentes” (LUKÁCS, 1968, p. 15)

A razão em relação ao conhecimento e a razão em relação a práxis dos homens é jogada às favas. A construção das relações estabelecidas por meio de estruturas racionais tornou-se um problema para o domínio da classe burguesa, colocando em risco seu projeto societário. A máxima hegeliana, a identidade do real é o racional, perdeu validade. O proletariado, sob à luz da compreensão marxiana, recolhe e conduz a bandeira da razão abandonada pela burguesia, construindo seus fundamentos sob as bases do materialismo, histórico, dialético. É uma nova compreensão de como apreender, compreender, analisar e interpretar o real e colocá-lo em movimento sob a compreensão de estar, sempre, na condição de ação humana em relação com a natureza sob a máxima do germe da contradição. A burguesia torna-se uma classe conservadora e o proletariado, portador do projeto da classe trabalhadora, assume “missão” histórica de colocar em movimento o projeto revolucionário.

Mas, a razão progressista assentou suas bases no modo de ser da práxis cotidiana que se levantou seus pilares durante o período renascentista até Hegel, aproximadamente até a primeira quadra do século XIX. Veja que os elementos basilares da burguesia que crescia suas raízes na concreticidade nas terras feudais em processo de desintegração, permitiu que o pensamento iluminista conseguisse dar vação ao processo de desantroporfização do homem em seus processos de produção e das suas circunstâncias objetivadas. Um ser que ganhou o estatuto ontológico de ser social sob a condição humana, apresenta-se, em um novo espaço e tempo, com a responsabilidade em relacionar-se com a natureza e com o próprio ser, na condição de sujeito pertencente à mesma espécie e gênero. Nunca na história dos homens teve um período que possibilitasse a efetivação de novos saltos ontológicos, permitindo um maior e quantitativo recuo da natureza em relação às conquistas humanas. Podemos afirmar que: a burguesia desempenhou na história um papel eminentemente revolucionário (MARX, 1998), porém, ao perder o controle da classe trabalhadora, a qual carrega em sua essência de totalidade o germe da contradição em relação ao projeto burguês, assume o papel de classe conservadora.

Ao colocar-se como protagonista revolucionária, a burguesia é a classe que registra em suas ações concretas a síntese de que os objetos são construções materiais expressos em valores-de-uso à disposição no mercado para transformarem em valores-de-troca. Os economistas (David Ricardo e Adam Schmidt) sob o crivo das leis econômicas,³ trouxeram, à luz da razão, que todo e qualquer objeto é resultado concreto das relações estabelecidas no mercado, fundada a partir da intermediação do trabalho humano. O problema que o limite colocado por estes senhores da ciência economia clássica tinha um grau determinante de posição de classe social burguesa, impossibilitando-os de compreender estes movimentos produtivos e reprodutivos sob uma “ontologia dialética do homem e da história” (COUTINHO, 1972, p.13). Ao colocar em movimento de forma direta, cínica e mercantil a divisão do trabalho em seu grau mais profundo, ampliando a separação do campo em relação às cidades, a exploração da força de trabalho, em suas diferentes formas de objetivação ganhou as ruas e ruelas das cidades. As metamorfoses da questão social espalharam em todos os cantos em que o modo de produção capitalista estruturava-se como projeto dominante.

Deixando o estatuto de preocupação com a ciência, a filosofia da decadência assume, abertamente, a sua constituição ideológica. Esse movimento rápido e despreocupado com a verdade científica e filosófica, destituiu a ética e a ontologia de seus estatutos científicos e filosóficos. Este procedimento colocou-as na condição de serem manifestações práticas irracionais. O rompimento e a negação da ética e da ontologia levaram a romper com as categorias do humanismo, do historicismo e da razão dialética, categorias nucleantes do projeto progressista. Ao destruir as categorias acima mencionadas, as referências da ciência são abandonadas e os constructos ideológicos passam a fundamentar o existente mundano na vida cotidiana dos homens.

³ As leis econômicas são objetivas e Hegel complementaria abordando que são apreendidas, compreendidas e analisadas, sob os fundamentos da dialética da história. É a astúcia da razão que apreende os objetos, em particular os econômicos. Esta astúcia da razão que levou Hegel a caracterizar os três núcleos categoriais que fundamentam a tradição progressista: o humanismo; o historicismo e a razão dialética.

Ao invés do “humanismo surge um individualismo exacerbado que nega a sociabilidade do homem, ou a afirmação de que o **homem** é uma “coisa”, ambas as posições levam a uma negação do momento (relativamente) criador da práxis humana; em lugar do historicismo, surge uma pseudo-historicidade subjetivista e abstrata ou uma apologia da positividade, que transformam a história real (o processo do surgimento do novo) em algo superficial ou irracional; no lugar da razão dialética, que afirma a cognoscibilidade da essência contraditória do real, vemos o nascimento de um irracionalismo fundado na intuição arbitrária, ou um profundo agnosticismo decorrente da limitação da racionalidade às suas formas puramente intelectivas.” (COUTINHO, 1972, p. 17)

No momento que a ideologia, em detrimento ao conhecimento científico sob as bases lógicas, epistemológicas e ontológicas, torna-se determinante nas relações estabelecidas na economia, na política, na cultura, estabelece-se uma nova relação entre os homens e, “tudo que era sólido e estável se dissolve no ar.” (MARX, 1998, pg. 8) Não foi possível manter as falsas premissas que sustentavam o projeto burguês. Os trabalhadores passam a assumir sua “missão” e, a partir deste momento assumem o projeto de classe social em-si e para-si. Nasce a classe dos trabalhadores, e na condição de protagonista, assume o papel histórico de classe portadora dos fundamentos progressista. Uma classe que passa a conviver, diariamente, com o irracionalismo de uma classe burguesa, que deixou de ser progressista e tornou-se conservadora.

Em que lugar temos que buscar a presença do irracionalismo e do agnosticismo? Na análise presente em autores vinculados à proposta do projeto capitalista. Estes, apresentando conteúdos teórico-prático superficiais da realidade, focados em conclusões imediatas e espontânea, fortalecem ideologicamente as verdades oriundas das relações estabelecidas na divisão capitalista do trabalho como únicas, verdades que estão suspeitas de qualquer germe de contradição, portanto, absolutizadas. Em terra fértil para negar o empírico, o real, a ideologia torna-se uma atora principal presente nas relações entre os homens na esfera da produção e em suas circunstâncias. A ideologia é a ferramenta utilizada pela classe burguesa, agora na condição de conservadora, para capitular o real de forma imediata, espontânea, transformando-os em verdades absolutas.

A referência teórico-prática dos fundamentos do irracionalismo, (LUKÁCS, 1968) pauta-se em duas formas concretas de manifestar-se frente aos objetos: a apreensão do real de forma imediata e o aprofundamento e fragmentação da divisão técnica do trabalho. Estas duas formas de condução passam a ser o “carro chefe” da forma de proceder do pensamento denominado de decadência.

No entanto, autores e pensadores clássicos, comprometidos com o progresso, abordavam o entendimento de dois acontecimentos que foram “divisores de água” para o pensamento teórico-prático progressista. 1) a transformação do trabalho do servo da gleba em trabalhador livre para o mercado; 2) e, por meio da manufatura e, em seguida, pela indústria, ocorrer uma socialização do trabalho, permitindo dar um salto na efetivação do trabalho humano sob o mecanismo de objetivação individual, para uma construção organizativa cooperada. Estes dois acontecimentos a sociedade ganha uma nova dimensão de organicidade técnica e política: agora, marcada pelo trabalho “livre” à disposição no mercado para compra ou venda, instaura-se em todos os espaços de mercado capitalista a forma do pagamento sob a proposição assalariada. A força de trabalho é comprada e vendida no mercado igual a qualquer outra mercadoria, porém com conteúdo de uma diferença essencial determinante: a força de trabalho humano é uma mercadoria principal em relação as demais, pois é a única mercadoria que cria outra mercadoria. No entanto, não é a única e nem a mais complexa (MARX, 1975).

Com esses elementos em movimento, o capitalismo moderno não tardou para alcançar mais um grande feito: a dimensão do mercado mundial, O modo de produção capitalista alcançou a dimensão cosmopolita (MARX, 1998). Pela primeira vez na história, abre a possibilidade de efetividade das mercadorias e das relações nelas presentes, ganharem o mundo. Com a liberação da força de trabalho do estamento feudal, os trabalhadores deixam de serem reconhecidos como uma individualidade subordinada a uma dimensão universal. Esta compreensão que perdurou em todo complexo feudal, agora perde validade na esfera social. O indivíduo singular ganha notoriedade de universal. Assim, “os pensadores começam a ver na ação individual a realização de leis universais” (COUTINHO, 1972, p. 20). Com a

contratação da força de trabalho humana na condição de mercadoria, os trabalhadores também passam a ganhar o estatuto de coisa e, neste horizonte, é trocado na condição de mercadoria em diferentes esferas, nascendo a exportação da força de trabalho entre continentes. A maioria das vezes como trabalhador assalariado, em outras, como mercadoria na modalidade de escravo.

A classe burguesa não suportou mais a pressão dos “de baixo” e, após ser provocada e ameaçada em perder seus domínios –políticos e econômicos -, os representantes da classe burguesa não tiveram dúvida: romperam definitivamente com o projeto do progresso em 1848. Como produto contraditório da própria existência da classe burguesa, - nasce o proletariado enquanto classe para si – coloca-se na condição de “classe social autônoma, capaz de resolver em sentido progressista os limites e antinomias do sistema capitalista” (COUTINHO, 1972, p.22). De imediato, na condição de classe conservadora, a burguesia pautada em ações concretas pragmáticas, mediadas pelo imediatismo e o espontaneísmo. A manipulação (KOSIC, 1976) passe a ser a ferramenta utilizada pela classe burguesa para manter-se dominando. Quando este mecanismo não era eficaz e eficiente, a força armada entra em cena.

Porém, apesar do movimento regressivo no campo das formulações científicas nos grandes centros do capital, não é possível afirmar que este movimento ganhou a totalidade do projeto capitalista, impedindo iniciativas diferenciadas no mesmo campo de classe, ou seja, burguesa. Verificamos que há iniciativas em continuar a realizar o papel de classe burguesa em países progressistas, em países que ganharam a carta de alforria dos países cêntricos e, com muita luta e perda de expressivos quantitativos de almas, estruturaram-se para galgar possíveis experiências progressivas, mesmo sob o comando do capital. Verificamos em diferentes continentes o resultado de experiências exitosas, mas com curto tempo de duração, pois a mão de ferro da ideologia burguesa, com conteúdo desprovidos de conhecimentos científicos e filosóficos, ampliam os elementos constitutivos de irracionalidade, ou ausência de razão, travando os avanços progressistas históricos. Ao mesmo tempo, em todos os cantos do planeta terra, a lógica de produzir também alcançou seus

patamares negadores em máxima destruidora. A práxis humana é levada às suas últimas consequências, ampliando e aprofundando, na esfera da consciência humana, processos de objetivação alienados e estranhados. A dominação encarcera corpos e almas.

São experiências cotidianas que Marx (1975), em suas manifestações teóricas no livro primeiro, volume 1 do *Capital*, resume a questão da seguinte afirmação: O sujeito, seres sociais, na condição de objeto são transformados no e pelo mercado na exuberância máxima de coisa. E, como coisa, para o capitalismo não há o que referenciar-se que há uma subjetividade construída na e pela relação estabelecida na práxis humana, mas sim, com algo que é dado por um mecanismo natural, com elementos concretos de ausência de razão.

Permanecendo na esfera da aparência e na naturalização imediata e espontânea das relações, o pensamento burguês abandona qualquer tentativa de compreensão que a contradição é intrínseca à essência de qualquer objeto e, com conteúdo ideológico de classe, dissemina esta compreensão como uma verdade cristalizada única e última. O máximo que alcança em suas proposições resume-se na transcrição do imediato. Ao descrever o imediato, toda e qualquer análise está fadada ao erro, porém conivente às necessidades e interesses que atendem ao projeto de classe de propriedade da burguesia. Para não perecer e continuar acumulando, a manipulação dos objetos e dos sujeitos são colocados em movimento exponencialmente em todas as ações, sejam sob a orientação da teleologia primária (principalmente), seja sob a orientação da teleologia secundária. O pensamento que se estrutura sob a égide do pensamento da decadência contribui, em todos os sentidos, para atender aos interesses da classe burguesa, aceitando todas as regras imediatistas e espontaneistas, portanto, manipuladoras da economia de mercado e dos universos do estado.

Ao adotar o pensamento da decadência a única verdade, e levada às últimas consequências, evidenciam que a vida pública e a vida privada misturam-se, entrelaçam-se, ganhando graus de extensão e profundidade em seus conteúdos fetichizados do que é o privado no interior do público. A vida do indivíduo perde o elo com a vida em sociedade. Vive-se como que a existência

fosse representada por elos que não se conectam, pois são fundadas em processos manipulatórios. Ao mesmo tempo, a divisão técnica e científica do trabalho é constituída por conteúdos fragmentados. O todo passa a ser representado pela soma das partes. Partes que são formadas por conteúdos também desconexos da própria essência da totalidade. É nesse espaço que ocorre a construção da práxis social - campo sensível presente do real que permite colocar elementos de criatividade - desfaz das relações intelectivas e, a repetição do mesmo ganha o estatuto de máxima verdade. O que importa é o resultado, de forma imediata e quantitativa.

Mas, “o inferno de Dante” ainda não está completo. Para festejar os conteúdos do pensamento decadente, a classe burguesa coloca em movimento um arsenal de conteúdos estruturados e estruturantes que vão dar vãs universal às relações estabelecidas em todos os níveis de efetividade cotidiana na vida econômica, o social, política e cultural. Estamos falando da construção instrumental condecorada pelo manto teórico-prático do que conhecemos como - a burocracia-.

Com a implantação dos conteúdos burocráticos, a vida permeada na práxis social por meio da criatividade dá lugar aos formulários e planilhas estatísticas, as quais na modalidade impressa ou eletrônica, têm como objetivo principal regular e administrar a vida dos trabalhadores e de seus familiares. Estes conteúdos manipulam as relações existentes entre sujeito e objeto e entre sujeito/sujeito, construindo formas de pensar e intervir que contribui diretamente para manter a dominação da classe social burguesa decadente. Neste inovado sistema de controle para manter o projeto burguês, as práticas criativas cedem lugar às práticas manipuladoras. As relações sociais esvaziam seus conteúdos de autocriação humana por meio do trabalho fetichizados, permanecendo apenas a forma como resultado final. O resultado final é o número, vazio de qualquer conteúdo de veracidade. Aqui somente o pragmatismo neopositivista é que reina.

A burocratização é uma construção instrumental presente de elementos constitutivos, teórico-prático de repletos conteúdos alienados e alienantes. Este procedimento, permanente, constrói relações eminentemente fetichizadas, transformam em regras, normas que ganham formalidades

conteudísticos de verdade. A essência perde sua efetividade de totalidade e a esfera da aparência apresenta-se como um resultado objetivo. Estes procedimentos, após verificação científica, sob os elementos constitutivos ontológicos, revelam sua pseudo-concreticidade (KOSIC, 1976). No entanto, os conteúdos teórico-práticos distante dessa objetividade concreta assumem no campo jurídico, a universalidade de força de lei, transformando a vida dos homens em sociedade em regras negadoras, regras que inibem a possibilidade mínima de ampliarmos o domínio da natureza imbricada em suas diferentes manifestações, a serviço da construção do reino da liberdade. A burocracia torna-se uma práxis absolutizada, modelo para as relações estabelecidas na vida humana. O controle dos corpos e das almas é o que ocorre na esfera da produção e da reprodução social. (MÉSZÁROS, 1987) Não há mais espaço para a criatividade. A vida, sob a construção da classe burguesa decadente é, em sua totalidade, medíocre. Os seres sociais resumem suas vidas em beber, comer e procriar. (MARX, 1989)

As regras estabelecidas são calculáveis, pois o campo das relações entre pessoas, desaparecem. O que se preserva como máxima é o cálculo. Não estamos falando em cálculo egoísta, manifestação apresentada por Marx no Manifesto do Partido Comunista, pois, os conteúdos presentes nas relações são abomináveis frente à máquina, a ferramenta programada e os aparelhos em forma de robôs totalmente com instrumentalização científica pautada na microeletrônica. A vida plena de sentidos (momentos significativos da vida humana) aproxima-se da vida animal não humana, quer dizer: o distanciamento das bases da natureza interrompe, muda de direção, recua para a maioria da humanidade. Ao mesmo tempo, com a redução da produção e a ampliação do capital financeiro, aumenta a riqueza acumulada e concentrada pelo capital especulativo. A classe burguesa diminui em número de poderosos proprietários dos meios privados de produção e da acumulação do valor, porém, aumenta em progressão geométrica, diariamente a miséria e a pobreza humana. (ASHTON, 1971)

Os caminhos percorridos, colocados em movimento pela burguesia decadente ganha forma. Intensidade e poder de força dominante. A construção espontânea, imediata presente na forma de apreender o real, faz com que os

apologistas capitalistas do mundo em que a ausência da razão é a forma de manifestar-se frente ao mundo, distanciem a passos largos dos elementos constitutivos que compõem a base da existência humana. A totalidade, categoria cêntrica presente na constituição do método em Marx, passa a ser uma construção inadequada para compreender o mundo. Assim, os valores-de-uso, perdem seus conteúdos de existência material apreendidos pela razão. Agora, todo e qualquer conteúdo de apreensão do real é efetivado e reconhecido como verdade se realizado pela via intuitiva. O campo opinativo cresce e, o verdadeiro é peça decorativa em estantes pertencentes aos museus. O quantitativo e o qualitativo são tratados como categorias distanciadas uma da outra, suas imbricações jamais encontram elementos mediadores que permitam evidenciar e revelar os conteúdos presentes no movimento do objeto. O que fica? A impressão, o achismo, o gosto, o cheiro. A intuição, estrutura eminentemente subjetivista, é a máxima que domina a literatura e a práxis humana. O domínio destas manifestações atesta o quanto a miséria da razão passa a ser dominante em nossas relações. O abandono da ontologia humanista, da historicidade e da concepção dialética não poderiam conduzir a outro resultado a não ser, à destruição da razão.

3 CONCLUSÃO

A disputa cotidiana entre os projetos societários presentes – Burguês e dos Trabalhadores – tem construído avanços, no entanto, a maioria das relações são marcadas por conteúdos que expressam retrocessos em diferentes níveis que envolve a imbricação metabólica entre os homens com a natureza. Ou seja, a medida do recuo alcançada pelos homens em relação à natureza, tem mostrado que o ponto de partida avanço timidamente. Às vezes, verificamos retrocessos profundos. Os acontecimentos históricos têm mostrado o verdadeiro sentido do retrocesso, principalmente quando tratamos da categoria humanismo. Pensar este conteúdo e, ao mesmo tempo, pautarmos os momentos das guerras promovidas pelas grandes potências é sinal que nossa afirmação tem coerência.

A partir do momento que o processo de decadência da ciência ganhou espaço e aprofundou seus conteúdos nas diferentes entranhas que compõe a sociedade civil, a preocupação com o conhecimento científico perdeu força e intensidade em relação aos processos manipulatórios. Este último cresce sem medida em nosso cotidiano, portador de uma única meta: apresentar à sociedade o conhecimento imediato e espontâneo para garantir a dominação de classe. Esta forma de proceder é expressão concreta que a classe burguesa, por meios dos seus aparelhos de estados e privados, imprime o que Gramsci denominou de aparelhos ideológicos. É fundamental para a classe que domina e trabalha seus procedimentos teórico-práticos sob o comportamento conservador, manter e dominar a classe trabalhadora. É necessário fetichizar as relações de produção e sociais em seu limite, impedindo que a classe trabalhadora não amplie seus espaços de luta e resistência, o que dificulta colocar em movimento permanente o projeto revolucionário que nega o projeto conservador burguês. Este último projeto é vendido, diariamente, com único e último da história da humanidade.

É neste momento que conteúdos relacionados ao anticapitalismo romântico entre em cena e, por meio da linguagem dócil e distante de apreender o movimento do real em seus elementos contraditórios ganham adeptos. Lampedusa, em sua extraordinária obra - o Leopardo – ao utilizar-se da fala do Príncipe de Falconeri, denuncia: tudo deve mudar para que tudo fique como está.

Ao trazermos este conteúdo para o campo das políticas sociais, em particular no caso brasileiro, presenciamos que as bases teóricas que às fundamentam e, ao mesmo, a forma de implantação e implementação das mesmas, ganham substâncias e fortalece-se no pensamento de Lampedusa. Esta máxima faz-se presente desde a formulação até a implementação final das políticas sociais. Carregadas de conteúdo presentes na fundamentação teórica do anticapitalismo romântico, presenciamos que os avanços realizados por meio das estratégias de governo não passam de ações restauradoras. São conquistas que ampliam os direitos no âmbito burguês, porém não tem nenhum propósito de ser veículos para atingir a centralidade da contradição capital/trabalho e revolucionar. A maioria dos profissionais, envolvidos com as

políticas sociais encontram, nessa estratégia de governo, a resposta para resolver as contradições existentes nas relações de produção e sociais entre capital/trabalho. A consequência imediata revela-se diariamente nas metamorfoses da questão social. O que é consequência é tratado como causa. Por meio das políticas sociais colocaremos em movimento o projeto revolucionário da classe trabalhadora.

Os instrumentos presentes nas políticas sociais, repletos de conteúdos pautados na tecnoburocracia, expressam-se como formulações concretas para esvaziar os conteúdos presentes na relação sujeito/sujeito. Enviesados, o que fica na relação é a imbricação sujeito/objeto, ou seja, permanece na esfera do imediato e da espontaneidade a forma e desaparece o conteúdo. E, sob este universo capitaneado pela ideologia burguesa e disseminada por meio dos aparelhos ideológicos de estado e privados, mantém a subordinação da classe trabalhadora em relação à classe burguesa, hora por meio das políticas de consenso, em outros momentos mais tensos, por meio da força.

No atual momento em que estamos vivendo, segunda década do século XXI, o estado de classe avança por meio de ações, projetos, programas, legitimados pelas esferas decisórias dos poderes (legislativo, executivo e judiciário) em destruir direitos conquistados, fragilizando as condições objetivas dos trabalhadores e de seus familiares, bem como e, com muita intensidade, no desmonte das organizações categoriais e de classe.

Na esfera das profissões o impacto do anticapitalismo romântico é assertivo ao destruir, internamente, as conquistas categoriais, em particular àquelas presentes nos conteúdos das leis trabalhistas, nas atribuições privativas das profissões, na ausência de realização de concursos públicos, na informatização das relações e outras manifestações, distanciando os sujeitos usuários de direitos e colocando-os para conversar com as máquinas, ao mesmo tempo, que serviços são eliminados e transferidos para a iniciativa privada por meio dos processos de terceirização. A classe trabalhadora, portadora da “missão” em colocar em movimento permanente a revolução está estagnada, pois suas ações restringem-se lutar, permanentemente, para

manter direitos conquistados, ao invés de, lutar para ampliar direitos existentes e/ou criar novos.

A miséria da razão aumenta suas bases em uma das esferas da teleologia secundária (a educação formal). As agências públicas estão terceirizando a educação para a IES privadas e, no limite, mantém cursos na modalidade presencial, mas caminha a passos largos, conforme dados estatísticos oficiais, a formatação do ensino a distância. A formação de recursos humanos para servirem ao capital em sua forma máxima de ausência de razão. Fica somente a forma final (o diploma), esvaziado de qualquer conteúdo mínimo.

No entanto, a vida está deformada. O fragmento passou a ser reconhecido e aceito como totalidade. Este movimento, práxis burocrática, ganha espaço e afirmações, negando qualquer possibilidade em manifestar-se o elemento da contradição presente nos objetos, criando uma uniformidade homogeneizada e, ao mesmo tempo, como resultado, a vida sem sentido passa a fazer parte da maioria absoluta das almas humanas sob o comando da classe burguesa decadente.

REFERÊNCIAS

ASHTON, T. S. **A revolução industrial: 1760-1830**. 2. ed. Trad. Jorge de Macedo. Rio de Janeiro: Europa-América, 1971. Col. Saber.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2010.

KOSIC, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, George. **El assalto a la razón: la trayectoria deil irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Barcelona –Espanhã- ediciones grijalho, 1968. (Sociais, n. 20).

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. L.1, v.1-2.

MARX, K.; ENGELS F. **Ideologia alemã (feurbach)**. 5. ed. São Paulo: Hucitc, 1986.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

MÉSZÁROS, I. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1987.